

REFLEXÕES SOBRE A INVESTIGAÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS PEQUENAS

Ruth Ramalho Ruivo Paladino (*)

RESUMO

Assumindo-se um ponto de vista social (interacionista) do processo de constituição da linguagem, parece possível propor uma explicação alternativa para os casos de crianças pequenas "com ausência ou mesmo grandes limitações de linguagem" que não apresentam qualquer dano de natureza somática e/ou psíquica que pudesse vir a se constituir como uma justificativa relativa da emergência de tal estado. Parece coerente a suposição da existência de uma "condição patológica" com origem interacional.

Numa perspectiva diacrônica do desenvolvimento, pode-se interpretar essa "condição patológica" como um "estado sincrônico" não absoluto, do processo de desenvolvimento. Sendo essa suposição tomada como verdadeira, dela decorre naturalmente uma proposta alternativa para a investigação de linguagem em crianças pequenas que estejam sob as condições anteriormente mencionadas.

Essa investigação tem o significado fundamental de tentar recuperar a história de linguagem de tais crianças para verificar o processo específico de construção e estruturação da linguagem. Ou seja, tal investigação corresponde à tentativa de resgatar a história desse processo, à fim de se chegar a uma melhor compreensão de seu momento atual.

I – INTRODUÇÃO

O fonoaudiólogo, em sua atividade clínica, se depara algumas vezes com casos cuja investigação constitui um problema de extrema complexidade. Tal investigação passa a ter a conotação de uma verdadeira aventura, como acontece em casos de crianças

pequenas (1) "com ausência ou mesmo grandes limitações de linguagem" (2), sem qualquer dano aparente de natureza somática e/ou psíquica que pudesse justificar o quadro apresentado.

A anamnese (3) não revela danos significativos no histórico pessoal — antecedentes familiares, gestação e

(*) Professora da disciplina Avaliação de Linguagem, do Curso de Fonoaudiologia — PUCSP

parto. Essas crianças são, na maioria, primogênitas ou últimos filhos; de pais bastante jovens ou idosos; não escolarizadas ou em início de escolarização; de nível sócio-cultural variando de médio a alto e pertencentes a ambiente familiar aparentemente "normal".

A faixa de idade oscila entre 2.6 e 4.0 anos. A verbalização é restrita, variando do balbúcio organizado à produção de alguns vocábulos. A compreensão é, geralmente, superior ao nível de produção.

II – A INVESTIGAÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS PEQUENAS

A busca na literatura, de estudos relativos à investigação de linguagem em crianças pequenas é, na verdade, um trabalho em vão. Sem dúvida, esse é um tema sobre o qual os estudiosos ainda não se dispuseram a refletir de modo efetivo.

Em face da inexistência de trabalhos que abordassem exclusivamente a origem e natureza da linguagem "patológica" na criança, os estudos relativos à "patologia" da linguagem na infância foram sempre influenciados pelas teorias psicolinguísticas vigentes, que tomaram para si o encargo de descrever e explicar a gênese da linguagem humana.

Esse fato, aliado à própria recentidade de trabalhos na área de investigação de linguagem, pode explicar a ausência de estudos referentes à investigação de linguagem em crianças pequenas.

O pensamento dominante, que norteou durante muito tempo os

estudos em linguagem infantil, gerou uma concepção específica de investigação de linguagem, especialmente no que se refere a casos de crianças pequenas.

A linguagem, compreendida a partir de uma perspectiva filogenética, tem como marco inicial para seu desenvolvimento, a emergência das primeiras palavras. Assim, numa visão chomskyana, por exemplo, todo o período anterior às primeiras palavras compreende um conjunto de momentos sucessivos de maturação neurológica que liberam a competência lingüística latente que, por sua vez, permitirá a emergência da linguagem propriamente dita.

Sob essa visão há inúmeras propostas para a investigação de linguagem em crianças (Emerick (1974); Sharf (1972); Allen (1981)). São testagens da competência lingüística, de recepção e emissão basicamente a nível fonológico e sintático. São testes aplicados em crianças cujo processo de desenvolvimento lingüístico já foi iniciado, ou seja, em "*crianças que falam*", ou então, "*crianças com linguagem*".

Inexistem propostas específicas de investigação para os casos de crianças pequenas "*sem ou com pouca linguagem*". A tentativa de aplicação desses modelos nesses casos, dá origem a uma concepção metodológica simplista, ou seja, é testado somente o nível receptivo, já que o emissivo não é passível de ser investigado uma vez que a criança "*não fala*". A tendência é de explicar tais casos como tendo obrigatoriamente uma origem somática e/ou psíquica – ainda que não se possa

comprovar danos dessa natureza —, já que a linguagem é um processo que depende exclusivamente de maturação neurológica.

A partir de uma perspectiva ontogenética, por outro lado, a linguagem é compreendida como um processo que se inicia na fase “*pré-lingüística*”, ou seja, no período anterior às primeiras palavras. O caráter inato da linguagem é redimensionado. Prestigia-se, em contrapartida, a relação mãe vs criança, enquanto contexto natural de emergência da linguagem.

Sob essa nova perspectiva, surgem teorias explicativas da gênese desse processo e, paralelamente, algumas tentativas clínicas de investigação de linguagem em crianças pequenas.

Assim, por exemplo, a partir de uma visão piagetiana — que postula ser a linguagem uma função do desenvolvimento cognitivo — pode-se supor que a investigação de funções cognitivas específicas ao processamento lingüístico seja um procedimento a ser utilizado no caso de crianças pequenas “*sem ou com pouca linguagem*”.

Por outro lado, se a linguagem for entendida como tendo uma função basicamente comunicativa, é possível elaborar propostas de investigação dos desempenhos comunicativos da criança — verbais ou não — como o procedimento viável para a investigação do desenvolvimento lingüístico no caso de crianças pequenas “*sem ou com pouca linguagem*”.

A perspectiva ontogenética do desenvolvimento possibilitou que os clínicos realizassem tentativas de elaboração de procedimentos mais eficientes para a investigação do

processo de desenvolvimento lingüístico em crianças pequenas. Entretanto, as teorias explicativas de tal processo, que vigoram até hoje, geram uma característica peculiar a estas propostas de investigação: — a exploração do desenvolvimento da criança sem levar, de fato, em consideração a relação mãe vs criança enquanto o contexto de emergência de tal processo. A investigação do nível do desenvolvimento cognitivo em que a criança se encontra e sua relação com o nível do desenvolvimento da linguagem, é um exemplo.

Este trabalho é uma proposta de investigação de linguagem em crianças pequenas que se baseia nos pressupostos de uma teoria interacionista emergente, que se convencionou chamar de interacionismo forte. Pretende-se fornecer as bases para a elaboração de um método de investigação a partir de situações interativas compreendidas como um procedimento viabilizador do conhecimento, pelo clínico, do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

III — BASES TEÓRICAS

A compreensão do homem e sua organização no mundo é a tarefa mais difícil e ambiciosa com que se deparam as ciências humanas. Os estudiosos da linguagem humana igualmente se defrontam com a complexidade dessa tarefa.

Questões relativas à natureza da linguagem e sua origem têm dado margem a inúmeras pesquisas científicas, assim como a indagações filosóficas.

As tentativas de compreensão da linguagem apoiadas em explicações filogenéticas, sem dúvida, possuem um caráter "*místico*", ainda que seu aparato teórico seja elaborado em acordo com a complexidade do seu objeto de estudo.

Os estudos realizados durante o período de vigência do impacto causado pela proposta chomskyana, se deixaram influenciar pelo forte apelo que teorias como ela exercem, provavelmente pelo caráter "*místico*" de seus pressupostos. Para Chomsky, a linguagem é inata. As mutações pelas quais o homem passou na escala evolutiva garantem a existência do "*órgão mental*" da linguagem. Sob essa perspectiva o processo de aquisição da linguagem é compreendido como sendo de natureza basicamente maturacional e, portanto, indiferente às variações da estimulação ambiental. Esse processo está centrado na criança (já que o pressuposto fundamental dessa teoria é a idéia de "*indivíduo biológico*"), cuja atividade se limita ao exercício de uma "*criatividade*" determinada biologicamente.

Após um longo período de domínio absoluto de uma visão inatista da linguagem humana, começaram a emergir novas tentativas de compreensão desse fenômeno. O caráter "*místico*" dos pressupostos até então aceitos, passou a ser refutado. Os estudiosos, então, elegeram como apoio para a elaboração de novas teorias, explicações de natureza ontogenética. É proposto um ponto-de-vista alternativo sobre o papel do meio no processo de aquisição da linguagem: foi feito um alerta para a

importância da interação criança-ambiente. Tal visão descentralizou o foco antes colocado na criança, ao deixar de enfatizar os aspectos tão somente maturacionais do processo de aquisição da linguagem. Nesse período é introduzida a noção de *díade*. Os estudos inspirados nessa nova perspectiva, tentam explicar com foco de interação mãe-criança, a aquisição da linguagem. Ela é vista como um processo que emerge nas relações sociais em que a criança está inserida. A linguagem é compreendida no seu uso social, e assim, a função básica a ela atribuída é comunicativa.

As novas teorias postulam a idéia de "*indivíduo social*" que é relacionada à idéia anterior de "*indivíduo biológico*".

Baseados numa perspectiva fortemente ontogenética do desenvolvimento, os estudos desse período passam a abordar o processo da aquisição da linguagem desde a fase "*pré-lingüística*".

Na fase inicial deste novo período, principalmente, a noção de "*interação*" é ainda definida em função da noção de "*indivíduo*", talvez mesmo por resquícios da influência de pressupostos anteriores. A *díade*, ainda que compreendida como a origem do processo de aquisição, é cindida, privilegiando-se ora a contribuição do adulto, ora a da criança.

Algumas tentativas de explicar a origem e a natureza da linguagem, por sua vez, relegam a interação à um papel secundário no processo de aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, a principal função da

linguagem é a categorial (pois seus primeiros usos são identificados em atividades solitárias) e seu processo de aquisição é compreendido enquanto função do desenvolvimento cognitivo. A teoria piagetiana é representante máxima destes estudos. Com ela, se solidificou a perspectiva ontogenética no estudo da linguagem humana e foi definida a noção de "*indivíduo psicológico*", de importância crucial para a concretização de uma visão dialética do homem: o homem enquanto a relação indivíduo biológico vs indivíduo psicológico vs indivíduo social.

Num outro momento desta nova época, surgiram novas explicações da linguagem humana — fiéis à visão dialética do homem — que tentam não comprometer o estatuto da situação interacional no processo de aquisição, assumindo, assim, como unidade natural de investigação o discurso construído igualmente por ambos os interlocutores (adulto — criança). Entretanto, mesmo não fazendo a partição da *díade*, esses estudos, diferentemente, segmentam o discurso, como no caso da investigação da construção de proposições pela criança.

Apenas recentemente, surgiram tentativas de assumir de forma integral a visão interacionista do processo de aquisição da linguagem.

Numa perspectiva fortemente dialética, essa visão compreende a linguagem como tendo uma função constitutiva. A atividade dialógica é dado um papel fundamental na constituição da linguagem e, por conseguinte, na construção do próprio conhecimento. (De Lemos (1981); De Lemos (s.d.); Maia

(1982)). O processo de aquisição da linguagem tem origem no diálogo que, por sua vez, nasce nas interações estabelecidas desde o nascimento. Esses estudos postulam que na situação interacional — *lingüístico-de-visita* estruturante: há uma partilhação mútua do conhecimento. Como tal, a constituição da linguagem pela criança é um processo de partilhação.

Os interlocutores adulto e infantil evoluem juntos na construção e estruturação da linguagem pela criança, a partir da relação constante entre o desenvolvimento da criança e os processos de "*ajuste*" do adulto, o que resulta numa simetria entre ambos. É essa simetria que possibilita a plena partilhação entre os interlocutores, na construção do discurso realizada por mecanismos de simetrização e assimetriação.

Por esse processo partilhado existir no decorrer de todo o desenvolvimento, ele constitui uma *história* do discurso da *díade*. Essa história interacional, por ser um espaço comum, permite que a criança constitua sua linguagem se igualando, aos poucos, ao interlocutor adulto.

Na história da construção do discurso da *díade* adulto-criança, ambos os interlocutores introduzem modificações estruturais — evolutivas — ao longo do tempo, que são incorporadas, tanto por um quanto por outro, pelos mecanismos de assimetriação e simetrização. Essas modificações configuram a evolução de uma só história conversacional. A admissão da co-autoria das construções discursivas e lingüísticas explica a possibilidade de recuperação no tempo, tanto por um quanto por outro interlocutor, de qualquer forma es-

trutural introduzida no discurso que está sendo construído; que está se processando.

Estes novos estudos, vinculados à noção de ontogênese, propõem uma visão processual — histórica — da aquisição da linguagem. A partir de uma perspectiva sócio-cêntrica, esta visão se diferencia de outras ao especificar no ambiente o elemento humano (da espécie) e a ele atribuir o papel de co-autor no processo de constituição da linguagem — do conhecimento — pela criança.

IV — UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA A INVESTIGAÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS PEQUENAS

Assumindo-se uma visão fortemente interacionista do processo de aquisição da linguagem, parece possível propor uma explicação alternativa para os casos de crianças pequenas *“sem ou com pouca linguagem”* sem qualquer dano de natureza somática e/ou psíquica que pudesse ser concebido como justificativa relativa da emergência de tal estado.

Se, na compreensão da origem e natureza da linguagem, forem considerados os pressupostos básicos desta nova perspectiva, quais sejam: sua função constitutiva; sua origem nas interações estabelecidas desde o nascimento, entre o adulto e a criança; sua natureza processual de partilhação mútua de conhecimento, torna-se coerente a suposição da existência de uma *“condição patológica”* com origem interacional.

Num tipo de perspectiva diacrônica — ontogenética — do desenvolvi-

mento como esta, pode-se interpretar essa *“condição patológica”* como um *“estado sincrônico”*, embora não absoluto, do processo evolutivo. Sendo essa suposição tomada como verdadeira, dela surge, de forma natural, uma proposta alternativa para a investigação de linguagem em crianças pequenas que estejam sob as condições anteriormente definidas.

Essa investigação tem o significado fundamental de tentar recuperar a história de linguagem dessa criança para verificar aquele processo específico de construção e estruturação da linguagem — do conhecimento —. Ou seja, tal investigação corresponde à tentativa de retomada da história desse processo, tido como diacrônico, à fim de compreender o seu momento atual, entendido como sincrônico. Evidentemente, esta teoria psicolinguística fortemente interacionista se propõe a explicar o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem nos seus diversos aspectos: fonológico, sintático, semântico e pragmático. Assim, a recuperação da história da linguagem dessa criança é realizada sob a perspectiva evolutiva de cada um desses aspectos — da linguagem como um todo — tal como é proposta por esta teoria. O procedimento a ser utilizado deve decorrer dos pressupostos básicos sobre os quais se assenta a teoria aqui utilizada e que determinaram o significado fundamental desta investigação.

Dessa forma, a anamnese — instrumento tradicional usado pelos clínicos — assume um novo estatuto. Perdendo o seu caráter quantitativo — vinculado à função de *elencar* toda e qualquer *“falha”* e suas respectivas *“causas”* possíveis —, a anamnese

passa a ser um "*levantamento de possibilidades*" da criança em questão. Passa a ter o estatuto de um instrumento viabilizador da exploração de dados interacionais que auxiliarão — de forma indireta — a compreensão do tipo e qualidade das situações interativas da vida da criança. Assim, parece que a melhor maneira de se proceder à anamnese é pela forma de entrevista não diretiva. Talvez, por exemplo, pela discussão entre o clínico e os pais (e, eventualmente, outros adultos constantes no ambiente da criança) de situações interativas supostas, com o objetivo de descrevê-las, se possível, pormenorizadamente.

O "*levantamento de possibilidades*" da criança é uma tarefa difícil de ser realizada. Os pais, em função da angústia gerada pela "*anormalidade*" apresentada pelo filho, tendem a ser mais capazes de realizar um levantamento das "*impossibilidades*" da criança. E, muitas vezes, até mesmo esse levantamento é distorcido e parcial.

Os pais devem ser conduzidos a "*ver*" seu filho sob uma outra perspectiva: — a de suas possibilidades. É provável que sejam sensibilizados tão somente em situações concretas (pelo menos, a princípio), ou seja, observando situações interativas do seu filho com qualquer outro parceiro. A observação, necessariamente orientada pelo clínico, deve se dirigir menos para o que a criança faz — ou não faz — e mais para como ela procede naquele contexto interacional específico ("*como ela faz*", "*como ela deixa de fazer*").

Esse trabalho, pela sua relativa complexidade, não é realizado em uma ou duas vezes mas sim, ao longo

de algum tempo. Com isto, a anamnese deixa de ter o sentido de "*entrevista inicial*" e ganha o de ser um valioso instrumento de exploração de dados interacionais importantes para toda a investigação que se pretende. Outra vantagem é a de proporcionar maior contato entre o clínico e a família, o que permitirá um levantamento mais preciso de dados de caráter geral, relativos ao ambiente cultural e social (levantamento de crenças e expectativas do grupo) em que a criança está inserida e do ambiente "*verbal*" propriamente dito (levantamento de características dialetais, forma e uso da linguagem como veículo de comunicação, etc.).

Como parte do procedimento utilizado nesta investigação, há também a observação direta da criança pelo clínico em situações interacionais diversas. A situação de brinquedo parece ser a mais propícia para esse objetivo porque ela é o lugar da interação do ponto-de-vista da criança, já que proporciona condições para a sua plena e efetiva atuação.

Assim, a partir de uma situação lúdica, são estabelecidas interações entre a criança e diferentes parceiros: o clínico, o pai, a mãe, os irmãos ou outros, com toda a possibilidade de combinação entre eles (pai + mãe + criança; mãe + irmãos + criança, etc.).

A diversidade na parceria se explica pelo fato das vivências não se darem somente a partir de situações construídas pela criança e o seu parceiro privilegiado — geralmente a mãe —. Com isso tenta-se, também, evitar a exploração de dados relativos a situações interativas particulares

que podem parcializar a visão que se tem da criança e, até mesmo, comprometer a compreensão do caso.

A diversidade de interlocutores é um aspecto importante na análise da linguagem. Certamente, tanto as idiossincrasias quanto fatores de outra natureza, tais como: sexo, papel social, papel familiar, idade, visão do mundo, crenças, determinam características específicas para cada situação interativa. Por outro lado, essa variabilidade de parceiros da criança parece ser, de fato, muito valiosa porque fornece dados de situações interativas construídas pela criança e cada um de seus interlocutores, assim como fornece dados específicos de uma mesma relação de parceria em situações diádicas, triádicas, ou mesmo múltiplas.

A princípio, a gravação parece ser o melhor instrumento para o registro de situações interacionais. O videotape pode, eventualmente, funcionar como elemento inibidor, ou ainda, desencadeador de uma artificialidade maior do que a verificada nas gravações.

A gravação deve ser acompanhada de anotações complementares, a serem feitas pelo clínico, relativas a todo o contexto extra-lingüístico, ou seja, atividade motora da criança, expressões corporais e faciais, manipulação dos objetos e outros. Fica sugerido que se inicie a investigação em situações interativas da criança com outros parceiros que não o clínico. Assim, ele vivencia melhor a tarefa de anotar o contexto — naquele caso específico —, para que nas situações em que ele for o interlocutor da criança possa realizar tal tarefa

em momento imediatamente seguinte.

As interações iniciais entre a criança e os parceiros adultos ou mesmo crianças maiores, podem, eventualmente, ser caracterizadas por alguma artificialidade, ao contrário do que geralmente ocorre quando os parceiros são crianças pequenas. Por isso, aquelas situações interativas devem, então, ser repetidas. Não se pretende com isso obter uma naturalidade contextual absoluta, o que seria utópico. Pretende-se, sim, obter algum grau de veracidade nos dados levantados.

É claro que a investigação não deve perdurar indefinidamente. O clínico deve estabelecer para si o momento em que ele atingiu, em grande parte, o seu objetivo básico: — o levantamento de dados suficientes para que se possa compreender o processo de construção da linguagem pela criança em questão. Parece que o requisito fundamental para isso é o conhecimento que ele tem relativamente à patologia da linguagem, ao procedimento que está utilizando, e à perspectiva evolutiva de aquisição da linguagem proposta pela teoria adotada. Tais requisitos parecem ser básicos para qualquer investigação que se pretenda fazer.

A investigação de linguagem em crianças pequenas, via de regra, ocupa um tempo maior relativamente às outras investigações, em grande parte em função da idade dos sujeitos. Esse tempo "maior" de investigação não deverá funcionar para os pais como fonte geradora de ansiedade, desde que eles participem de todo o processo, tal como é aqui proposto.

A análise do material levantado deve ser criteriosa e por isso pode corresponder a uma parte, de certa forma, mais complexa da investigação.

Em função dos pressupostos básicos da teoria adotada para a explicação do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, a análise dos dados não pode ser feita através de um foco exclusivamente lingüístico. Considerações de outras naturezas devem ser levadas em conta.

Se, a função da linguagem for entendida como sendo constitutiva, ou seja, que a linguagem constitui e é constituída pelo conhecimento, a visão que se quer ter da criança deve ser global. Não é possível segmentar o aspecto de constituição da linguagem da própria constituição do conhecimento.

Ainda que o foco de interesse desta investigação seja o desenvolvimento da linguagem, aspectos ligados ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional não podem ser tidos como irrelevantes em função da importância que eles assumem em tal perspectiva, principalmente no que se refere à relação linguagem x cognição x emoção, já que esses aspectos são, por natureza, intercorrentes e interdeterminantes.

Pode parecer que a condição fundamental (e absurda) para que um clínico possa fazer uma investigação como a que aqui está sendo proposta, é a de que seja "ecclético", o que certamente não é verdadeiro. O fonoaudiólogo deve ser, sem dúvida, um conhecedor profundo da linguagem — em suas várias dimensões — e, ao

mesmo tempo, deve ter alguma informação sobre a natureza e evolução de outros aspectos do desenvolvimento geral da criança. A busca do auxílio de profissionais de outras áreas, para a interpretação do material levantado é valiosa por dois motivos: 1) garante uma melhor compreensão do caso e 2) proporciona condições para que o clínico aperfeiçoe cada vez mais sua formação.

Na realidade, a teoria psicolingüística adotada como base para esta investigação é que pode constituir, no momento atual, um problema para o clínico. Pela sua recenticidade, tal teoria é ainda bastante desconhecida pela maioria dos profissionais que atuam na área da linguagem. E, o seu pleno conhecimento é condição fundamental para se aplicar o tipo de investigação aqui proposta, já que o que se pretende postular é a retomada da história de linguagem da criança — sob a perspectiva evolutiva sugerida por esta teoria — como método de interpretação de uma "condição" lingüística tida como "patológica".

Por estar lidando com uma criança que sugere algum distúrbio no seu desenvolvimento lingüístico, o clínico não deve tomar como prescindível o levantamento de dados de outra natureza, ou seja, fora da esfera compreensão vs produção lingüística. Apesar de a hipótese sobre a qual se elaborou esta investigação, ser a da existência de uma "condição patológica" de origem interacional, é possível que hajam alterações em outros níveis que sejam concomitantes — e não determinantes — aos desvios aqui relevados e que podem exacer-

bar a "condição patológica" daquela criança. Um exemplo seria a avaliação do estado funcional dos órgãos fono-articulatórios.

V – COMENTÁRIOS SOBRE A ABRANGÊNCIA DA PROPOSTA APRESENTADA

Por ora, esta proposta de investigação representada apenas um momento de reflexão, em vista da inexistência de dados que confirmem sua viabilidade e eficiência. Ela está sendo experimentada, por enquanto, em apenas um caso e por isso os poucos dados obtidos não passam de meras impressões iniciais sobre a sua aplicabilidade. Assim sendo, eles não podem ser aqui descritos e nem mesmo discutidos.

A obtenção de dados reais e consistentes tem, neste caso, um outro objetivo além daquele de se verificar a viabilidade desta investigação. Por eles, será possível se testar, também, a hipótese que serve de base ao trabalho proposto: a existência de uma "condição patológica" de origem interacional. Tal hipótese, é no momento atual, viável e promissora apenas do ponto-de-vista teórico.

Numa perspectiva mais abrangente ainda, os resultados obtidos — se coincidentes com os pretendidos — poderão servir, certamente, como um

alerta para as investigações que são feitas nos casos de crianças com desvios lingüísticos de natureza conhecida (somática e/ou psíquica), já que uma "condição patológica" de origem interacional pode, eventualmente, não ser "causa" mas ser "conseqüência".

Por outro lado, a experiência com a aplicação do procedimento proposto — de levantamento e análise — e com os próprios dados levantados, fornecerá, sem dúvida, bases para que se faça uma reflexão mais cuidadosa sobre os aspectos terapêuticos e de orientação aos pais (à escola ou a qualquer outro elemento) da criança.

É claro que se o método a ser utilizado na investigação aqui proposta é o de rastreamento da história da linguagem da criança, a terapia, conseqüentemente, deverá corresponder à tentativa de se refazer — de se fazer — a construção da linguagem — do conhecimento — pela criança. Resta, assim, o estabelecimento de bases para a elaboração de técnicas que possibilitem tal empreendimento. Teoricamente tal proposta é possível de ser elaborada. Porém, mais uma vez, a questão concerne sua aplicabilidade e eficiência. Essa é uma tarefa complexa que constitui um desafio que o fonoaudiólogo deve tomar para si.

- (1) Crianças na faixa etária de até 4 anos aproximadamente.
- (2) Esta definição é a mais usada pelos clínicos e, provavelmente, foi gerada sob a idéia de que "ter linguagem" significa "falar".
- (3) A descrição é baseada em experiência particular na atividade clínica.

SUMMARY

ON LINGUISTIC INVESTIGATION OF SMALL CHILDREN

This study can be viewed as an attempt to promote a discussion about the linguistic investigation of small children with little or no language production, showing the apparent organic or psychological damage.

It is argued that an alternative explanation of the above mentioned cases is possible, when a social (interactionist) point-of-view is assumed.

The claim is that "pathological condition" may have evolved within a specific social system. The so-called pathological condition can be seen as a "relative synchronic state" of a language developmental process.

If a proposal like the one above is taken into account, the natural subsequent step is to propose some adequate procedure for a linguistic investigation, compatible with the theoretical framework adopted.

The hypothesized method must be capable of tracing the history of a communicative-linguistic development.

What is aimed here is to create appropriate conditions which lead to a better understanding of the process involved in the construction and organization of language by small children with little or no language production.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, D.V.; BLISS, L.S. e TIMMONS, J. (1981) – Language Evaluation: Science or Art? *Journal of Speech and Hearing Disorders* (46):66-69.
- DE LEMOS, C.G. (s.d.) – On specularly as a constitutive process in dialogue and language acquisition (no prelo). In L. Camioni e C. Lemos (Org.) *Questions on social explanation: Piagetian's themes revisited*, Amsterdam: John Benjamin Publishers.
- DE LEMOS, C.G. (1981) – Interactional Process and the Child's Construction of Language. In W. Deutsch (Org.) *The Child's Construction of Language* London: Academic Press.
- EMERICK, L.L. e HATTEN, John T. (1974) – *Diagnosis and Evaluation in Speech Pathology* (cap. I, II, III e IV). New Jersey: Prentice Hall.
- MAIA, E.A.M. (1982) – A psicolinguística como fonte de renovação epistemológica para a linguística e a psicologia. Comunicação apresentada na 24ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência Campinas.
- SHARF, D.J. (1972) – Some relationship between measures of early language development. *Journal of Speech and Hearing Disorders* (37): 64-74.